

# LEITURA RETÓRICA: O QUE É E COMO ACONTECE

## *RHETORICAL READING: WHAT IT IS AND HOW IT HAPPENS*

**Max Silva da Rocha**  
**Patrícia Rodrigues Tomaz**  
(UFPI)  
**José Maria de Melo Sousa**  
(UFPE)  
**João Benvindo de Moura**  
(UFPI)

**Resumo:** Este trabalho apresenta a leitura retórica como procedimento de análise de discursos com visadas argumentativas, abordando as principais idiosincrasias acerca desse tipo de leitura. Identificamos a trajetória da leitura retórica e, mobilizando seus instrumentos, analisamos atos retóricos de um sermão oral proferido pelo pastor Marcelo Oliveira, fundador, líder e atual administrador da Igreja Santa de Jesus Cristo, com sede em Arapiraca, segunda maior cidade de Alagoas. O sermão foi publicado no canal do YouTube da referida igreja. Para realizar as análises, adotamos os princípios da leitura retórica, centrando nosso olhar na trilogia retórica proveniente do ethos, logos e pathos. Após as nossas análises, identificamos que o discurso do pastor Marcelo Oliveira traz uma argumentação que visa enaltecê-lo como ministro de Deus e convencer e persuadir o auditório a confiar no discurso apresentado à adesão.

**Palavras-chave:** Discurso religioso. Igreja Santa de Jesus Cristo. Leitura retórica.

**Abstract:** *This paper presents the rhetorical reading as a procedure of discourse analysis with argumentative aims, addressing the main idiosyncrasies about this type of reading. We identify the trajectory of rhetorical reading and, mobilizing its tools, we analyze rhetorical acts of an oral sermon delivered by Pastor Marcelo Oliveira, founder, leader and current administrator of the Holy Church of Jesus Christ, based in Arapiraca, second largest city of Alagoas. The sermon was published on the YouTube channel of the aforementioned church. To carry out the analyses, we adopted the principles of rhetorical reading, focusing our look on the rhetorical trilogy coming from ethos, logos and pathos. After our analyses, we identified that the discourse of Pastor Marcelo Oliveira brings an argumentation that aims to exalt him as a minister of God and convince and persuade the audience to trust the discourse presented to the membership.*

**Keywords:** *Religious discourse. Holy Church of Jesus Christ. Rhetorical reading.*

## Considerações iniciais

Todos nós somos seres retóricos. É com essa assertiva de Ferreira (2015) que iniciamos as nossas discussões sobre leitura retórica. De acordo com esse autor, somos retóricos porque defendemos com ardor as nossas opiniões, utilizamos a palavra para significar os mais diversos fenômenos do mundo, para influenciar as pessoas que estão em nossa volta, buscando orientar os seus pensamentos, excitar ou acalmar as suas emoções a fim de que possam agir de acordo com os nossos interesses. Por meio do discurso descrevemos, explicamos e justificamos as nossas opiniões com o objetivo de sempre levar o outro a aderir a nossa proposta.

Na função de oradores, preleciona Ferreira (2015), desejamos que o nosso projeto de influência seja bem-sucedido e que o nosso auditório aceite a nova visão de realidade que estamos lhe apresentando ao assentimento. No entanto, “como auditório, aceitamos ou não a visão de realidade exposta pelo orador, verificamos se a construção é ou não interessante, justa, bela, útil ou agradável suficientemente para que concordemos com o que nos foi exposto” (Ferreira, 2015, p. 13). É com esse enfoque que trilhamos as nossas reflexões, reconhecendo a importância de uma leitura que seja capaz de compreender os laços persuasivos de um discurso que nos é apresentado por meio da escrita, da oralidade, da eloquência do orador.

Neste trabalho, nos propomos a investigar de que maneira se caracteriza a leitura retórica, tomando como base a ideia de que todo discurso, de um modo ou de outro, apresenta elementos que visam influenciar as opiniões dos sujeitos. Diante disso, a partir do escopo da retórica de vertente argumentativa cumpre responder os seguintes questionamentos: Quais os parâmetros de uma leitura retórica? De que maneira ela deve ser realizada? Quais contribuições ela apresenta aos sujeitos que a utilizam? É buscando responder aos seguintes problemas que encontramos a nossa principal justificativa para a realização do presente trabalho.

Como sabemos, não são poucos os estudos que versam sobre a importância da leitura em diferentes perspectivas que vão desde o ensino-aprendizagem de línguas até mesmo aos métodos hermenêuticos da história, da antropologia, da filosofia, da teologia, entre outras áreas. Em nossa investigação, focalizaremos as ciências da linguagem, mais precisamente os campos dos estudos retóricos e discursivos. A retórica, nas últimas décadas, foi trazida ao quadro teórico-metodológico da análise do discurso francesa contemporânea e, aos poucos, vem se consolidando como uma disciplina que não se pode abdicar discursivamente.

Assumimos aqui que a retórica é uma disciplina que há mais de 25 séculos tem sido guardada dos estudos discursivos da linguagem. Autores como Cristian Plantin, Dominique Maingueneau, Marc Angenot, Michel Meyer, Patrick Charaudeau, Chaim Perelman, Roland Barthes, Ruth Amosy, Olivier Reboul, entre outros importantes teóricos, comumente resgatam as contribuições da retórica para construir as bases de suas propostas. Em virtude disso, a nosso ver, não é possível desvincular a análise do discurso francesa dos estudos retóricos antigos e modernos como fora feito na perspectiva materialista. A retórica conclama a análise do discurso francesa numa quarta época e esta serve como meio de legitimar a vivacidade do instrumental teórico e metodológico elaborado,

inicialmente, pelos mestres sofistas e, depois, pela sistematização realizada pelo filósofo grego Aristóteles.

Desde os gregos antigos a retórica é considerada como uma técnica capaz de mostrar os elementos que habilitam um discurso ser persuasivo. É daí que surge a definição anunciada pelo mestre grego Aristóteles, quando conceitua: “Pode-se definir a retórica como a faculdade de observar, em cada caso, o que este encerra de propósito para criar a persuasão. Nenhuma outra arte possui tal função” (Aristóteles, 2011, p. 44). Na esteira do pensamento aristotélico, a retórica apresenta o poder de descobrir quais são os elementos capazes de gerar persuasão no auditório a que se destina uma argumentação. Disso demandam outros fatores ligados às provas retóricas, fundadas na construção da imagem de si (ethos), na racionalização dos argumentos (logos) e no despertar de paixões que objetivam comover os ânimos do auditório (pathos).

Essa temática da leitura retórica é imprescindível aos analistas do discurso, uma vez que é necessário compreender de que maneira determinados discursos são construídos e disseminados na sociedade com o objetivo de angariar mentes e corações. Como postula Cícero (2009, p. 157), “de fato, é próprio do orador, como já disse muitas vezes, um discurso grave, ornado e adequado às concepções e às mentes dos homens”. Nesse sentido, saber as artimanhas que são utilizadas retoricamente contribui com uma leitura mais crítico-reflexiva, tornando o leitor alguém capaz de não se deixar persuadir por meio da manipulação da verdade (Charaudeau, 2022), que se configura como uma prática muito recorrente em nossa era de pós-verdade, por meio da qual muitos opressores, sobretudo políticos e religiosos, conseguem êxito.

A leitura retórica tem o potencial de não somente mostrar as intenções explícitas e implícitas dos discursos, mas também de apresentar todo o quadro comunicacional que orienta as circunstâncias de discurso, os sujeitos da linguagem, as estratégias discursivas, o acordo argumentativo, a tipologia argumentativa, as paixões suscitadas, ou seja, os elementos que constroem um projeto maior de influência que almeja, em última instância, persuadir.

A fim de não centrar nossos esforços apenas em questões consideradas puramente teóricas – as quais são imprescindíveis neste estudo – acerca da leitura retórica, também iremos analisar três atos retóricos de um sermão oral, pregado pelo pastor Marcelo Oliveira, líder e fundador da Igreja Santa de Jesus Cristo (doravante, ISJC), com sede na cidade de Arapiraca, agreste de Alagoas. É importante mencionar que, no mês de abril de 2023, a ISJC completou 35 anos de existência. Trata-se de uma igreja pertencente à linha neopentecostal, inaugurada na referida cidade, mas que vem se espelhando rápida e robustamente por outros grandes municípios alagoanos, tendo, atualmente, mais de 45 templos. Todos são dirigidos por pastores locais, mas têm a liderança geral do pastor Marcelo Oliveira que administra a ISJC.

Escolhemos esse material analítico porque certamente ainda não há – ou não localizamos – nenhum trabalho em retórica ou em análise do discurso que tenha analisado algum sermão do pastor Marcelo Oliveira, um líder religioso muito influente em Alagoas, inclusive, politicamente. Durante o pleito das últimas eleições presidenciais de 2022, esse líder evangélico fez campanha aberta para o então candidato da extrema-direita, Jair Messias Bolsonaro. Realizou passeios de moto

com seus fiéis, discursou eloquentemente em favor do ex-presidente militar reformado do exército brasileiro e, de forma vociferada, atacou a esquerda e seu maior líder brasileiro e latino-americano, Luís Inácio Lula da Silva, do PT.

Nesse sentido, durante as pregações, o líder máximo da ISJC formula diferentes discursos que servem para manter a adesão já conquistada em outros momentos, ampliá-la e conseguir novos fiéis para aumentar as ovelhas do seu rebanho particular. Pastor Marcelo Oliveira tem uma admirável eloquência, formula diferentes imagens de si, desperta efeitos passionais ao pregar, escolhe cada argumento para a narração/confirmação do seu discurso apresentado ao assentimento. Em nossas análises, realizamos uma leitura retórica pormenorizada de atos argumentativos enunciados pelo referido chefe religioso.

Para dar cumprimento ao nosso estudo, além das considerações iniciais, finais e das referências, dividimos este trabalho em duas grandes seções. Na primeira, discorremos sobre os fundamentos da leitura retórica, caracterizando-a e definindo-a a partir das quatro funções da retórica e das perguntas que são feitas ao orador e ao auditório no momento da interpretação. Na segunda, realizamos as nossas análises a partir de três atos retóricos extraídos de um sermão oral pregado pelo pastor Marcelo Oliveira. Todos esses passos foram seguidos com vistas a cumprir o objetivo central do nosso estudo e responder às perguntas evocadas nessa introdução. Nossa leitura retórica centrará suas forças analíticas apenas nas estratégias argumentativas utilizadas nos três atos retóricos de um sermão proferido pelo orador sacro em estudo.

### **Leitura retórica: o que é e como acontece**

A leitura retórica não consiste em uma leitura apenas como decodificação das informações ou marcas linguísticas contidas em um texto. Ela também não é uma leitura como enxerga a opinião do senso comum considerando-a algo transparente. Antes de trazer à baila a definição do que realmente significa uma leitura retórica dos textos ou dos discursos, é necessário, inicialmente, apresentar as quatro funções básicas da retórica argumentativa, uma vez que é daí que surge todo o fundamento de leitura retórica que vimos discutindo nessa investigação. Olivier Reboul, na obra “Introdução à retórica”, defende que existem pelos menos quatro funções básicas exercidas pela arte retórica: persuasiva, hermenêutica, heurística e pedagógica. De forma breve, é importante abordar cada uma dessas funções.

### **As quatro funções provenientes da retórica**

Na função persuasiva, temos a própria função da retórica como uma arte de persuadir por meio do discurso. Essa função é a mais antiga de todas, remontando desde os professores de retórica nomeados de sofistas. Historicamente, a retórica era utilizada pelos sofistas para ensinar os cidadãos litigantes como deveriam argumentar diante dos tribunais. Como não existiam advogados, esses sábios da retórica ganham volumosas somas de dinheiro por esse trabalho. Assim, a função preliminar

era a persuasiva e os oradores persuadiam a qualquer custo, inclusive, utilizando-se da manipulação, do engodo, da má-fé. Isso gerou muitas críticas pelos filósofos da época, dentre eles, Platão, que tratou de atacar essa arte persuasiva.

Na função hermenêutica, a importância recai sobre a arte de interpretar textos e discursos. Não se ensina a retórica como arte de produzir discursos, mas como arte de interpretá-los. É preciso ter em mente que nenhum discurso surge ou permanece isolado de outros discursos, ao contrário, todo discurso concorda, discorda, opõe-se a outros discursos que se relacionam mutuamente. Para ser um bom hermenêuta, é necessário compreender o discurso do outro, aquilo que lhe toca, que lhe intriga, que lhe aprisiona, que lhe apaixona.

Na função heurística, a arte retórica não visa apenas a obter certo poder, mas também a encontrar, saber, descobrir coisas novas. Para isso, toma-se como ponto de partida a ideia de que não estamos sozinhos, uma vez que a arte de persuadir só pode ser exercida quando se interpreta o discurso de outrem. A ideia de descoberta não diz respeito às descobertas científicas do campo da demonstração. A função em tela aborda o mundo da vida que foge das certezas científicas e fundamenta-se através do verossímil, das possibilidades do verdadeiro.

Na função pedagógica, a arte retórica toma como objetivo central o método de ensinar, de compreender, de inventar, de dispor os argumentos, as figuras e organizar um plano de fala ou escrita de acordo com normas específicas formuladas pelo orador. Com Marcos Fábio Quintiliano, célebre orador e professor de retórica no período romano, na obra “Instituição oratória”, por exemplo, vemos o papel da arte retórica como técnica de ensino. O bom orador deveria ser formado desde a infância a partir dos mais diversos conhecimentos. “Prefiro que o menino comece pela língua grega, porque a latina, que é usada pela maioria, nos impregna mesmo contra nossa vontade e, ao mesmo tempo, porque ele deve também ser instruído nas disciplinas gregas, das quais emanaram as nossas” (Quintiliano, 2015, p. 39).

Após a apresentação dessas quatro funções retóricas teorizadas por Reboul (2004), consideramos que a leitura retórica não pode se associar a todas as funções mencionadas. A nosso ver, apenas as funções hermenêutica e heurística estão inter-relacionadas com a leitura retórica, haja vista que ambas buscam a interpretação e a descoberta de fenômenos do mundo através dos discursos. As funções persuasiva e pedagógica cumprem outros papéis diferentes, a exemplo de persuadir o outro e de ensinar a produzir discursos retóricos. Isso não está em consonância com uma leitura retórica que busca a compreensão de visadas persuasivas.

Com efeito, a leitura retórica é um exercício analítico que busca, em última instância, compreender os procedimentos retóricos postos no discurso argumentativo que visam persuadir a quem se destina. Portanto, é necessário entender como mecanismos retóricos são acionados pelo orador e quais sentidos são evocados mediante o ato retórico propriamente dito. A função interpretativa da retórica é o que subsidia essa proposta que vimos defendendo. Certas perguntas como “Em que determinado texto é persuasivo? Quais são os seus elementos argumentativos?”, fazem parte dessa proposta de leitura e, ao mesmo tempo, se distanciam da leitura apenas como mera decodificação de signos linguísticos manifestos na superfície dos textos.

De acordo com o entendimento de Reboul (2004), a leitura retórica não pode ser considerada como uma ferramenta que estabelece se um discurso é bom ou ruim. No entanto, ela foge da neutralidade e apresenta a força ou a fraqueza dos argumentos encadeados pelo orador. Eis a caracterização e a definição da leitura retórica preconizadas pelo referido teórico:

A leitura retórica, por sua vez, não objetiva dizer que o texto tem razão ou deixa de tê-la. Nem por isso é neutra, pois não hesita em fazer juízos de valor, em mostrar que tal argumento é forte ou fraco, que tal conclusão é legítima ou errônea. Critica e pondera, sem se abster de admirar, tendo como postulado que o texto, tanto em sua força quanto em suas fraquezas, pode ensinar alguma coisa. A leitura retórica é um diálogo (Reboul, 2004, p. 139).

De fato, a leitura retórica é mesmo um diálogo na medida em que estabelece contato com quem produziu o discurso e com os possíveis sujeitos destinatários. Quando aventamos uma leitura retórica, encontramos muitos aspectos que permeiam toda a construção da situação comunicativa. Antes de mais nada, é preciso, conforme prescreve Reboul (2004), iniciar a leitura fazendo certas perguntas que são chamadas de lugares da interpretação. Para o referido autor, algumas delas dizem respeito ao orador; outras, ao auditório, outras, enfim, ao discurso. A partir dessas indagações, será possível perscrutar os possíveis caminhos que levarão o leitor à chave da interpretação. Na próxima seção, vamos conhecer cada pergunta e suas principais características que configuram os alicerces da leitura retórica em discussão.

### **Orador: Quem? Quando? Contra o quê? Por quê? Como?**

Na primeira pergunta que aborda o orador, é preciso identificar quem fala. Na leitura retórica, essa pergunta é sobremaneira importante, visto que quaisquer informações sobre o orador são de suma importância para o entendimento da responsabilidade do ato retórico. Aprendemos em Aristóteles (2011) que o orador é aquele que professa o discurso argumentativo e quando o faz constrói uma ou várias imagens de si via discurso. Os textos de Barthes (2001), Charaudeau (2018) e Reboul (2004) asseveram que o *ethos* é constituído por meio de traços de caráter, costumes, que o orador deixa transparecer no momento e até mesmo antes de sua enunciação. Em uma leitura de natureza retórica, a pessoa que fala, em sua dimensão psicossocial e discursiva, precisa ser reconhecida pelo leitor. Essa informação diz muita coisa sobre os possíveis sentidos ou interpretativos que são despertados por meio do discurso.

Na segunda pergunta, temos a necessidade de saber quando ou em que época o discurso foi encenado pelo orador. Por exemplo, um sermão pregado no início da constituição da igreja cristã nos primeiros séculos depois de Cristo não se configura da mesma maneira que observamos na atualidade. Atualmente, observamos recursos das mídias digitais, vemos surgirem novas teologias, a exemplo da teologia da prosperidade e da libertação. Saber a época da produção do ato retórico proferido pelo orador ajuda o leitor a compreender como se deve interpretar o discurso. Isso tem



relação com as circunstâncias de discurso que podem ser caracterizadas no exato momento da enunciação ou retomar outros dizeres em outras épocas.

Na terceira pergunta, notamos que todo discurso argumentativo almeja, de alguma maneira, atacar pelo menos uma opinião. A retórica, desde os mestres sofistas, é fundamentada no campo da controvérsia, do contraditório. Se todos os fenômenos humanos fossem evidentes e se todos os sujeitos pensassem da mesma maneira, não haveria a necessidade de convencimento, tampouco de persuasão. Por exemplo, no campo religioso protestante brasileiro, assistimos cotidianamente chefes religiosos atacando de forma vociferada seus adversários, sobretudo, àqueles que são dissidentes, uma vez que, ao abandonarem sua denominação, abrem uma nova igreja e começam a competir com os antigos patrões.

Na quarta pergunta, observamos que surge a motivação de o orador desejar atacar uma determinada opinião. Na verdade, todo discurso retórico pretende persuadir o auditório de alguma coisa, mas isso pode ser múltiplo. Geralmente, o texto em si apresenta um objetivo imediato e outro mais distante. Este é o mais importante, pois está camuflado, fundado nos recônditos da intencionalidade do orador. Às vezes, o objetivo real difere e muito do objetivo declarado na argumentação do persuasor. Por meio de uma leitura atenta, crítica e reflexiva será possível chegar aos objetivos reais do discurso que é anunciado ao assentimento.

Na quinta pergunta, percebemos que ela se refere ao modo como o orador se manifesta em seu discurso. Este é o principal problema da argumentação. Às vezes, o orador escolhe se apresentar no texto por meio de sua subjetividade, marcando sua fala na primeira pessoa (modo elocutivo); em outros momentos, o orador interpela seu auditório e se dirige incansavelmente a este por meio de marcas linguísticas que implicam o outro (modalidade alocutiva); em outras situações, o orador recorre a citações ou ao apagamento de sua presença e da do outro no discurso (modalidade delocutiva). É importante informar que todas essas modalidades teorizadas por Charaudeau (2018) podem aparecer conjuntamente e inter-relacionadas em um mesmo ato retórico, pois elas se imbricam em virtude de sua plasticidade e dinamicidade.

### **Auditório: a quem se está falando?**

O problema do auditório é muito relevante nos estudos retóricos, pois representa um dos pilares essenciais de toda a arquitetônica da própria argumentação. Todo discurso tem um orador que o profere e um auditório que é o destinatário. Sem orador, discurso e auditório, não há como haver argumentação. Os precursores da nova retórica, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), definem o auditório como sendo o conjunto de pessoas que o orador almeja persuadir. No entanto, é preciso compreender que o auditório pode ser fictício ou real. O primeiro caso ocorre quando, por exemplo, um político discursa em rede nacional, como se todas as pessoas que lhe assistem fossem realmente aderir ao seu discurso. O segundo trata das pessoas que realmente são eleitores ideais, ou seja, àquelas que tendem a votar nesse político porque simpatizam e comungam dos mesmos valores ideológicos, sociais, políticos e culturais.

Conforme explica Reboul (2004), essa pergunta “a quem?” não é feita apenas pelo leitor, mas também pelo próprio orador que deve se adaptar ao seu auditório e estabelecer com ele um acordo argumentativo ou contrato comunicativo. Todo orador, sem exceção, precisa levar em consideração o auditório, uma vez que os valores, as crenças, tudo isso pode contribuir com o projeto de influência de modo favorável ou desfavorável ao orador. Os auditórios são distintos e essas diferenças se apresentam de algumas maneiras. Caso o orador deseje lograr êxito em seu empreendimento argumentativo, é necessário seguir alguns passos importantes.

Em primeiro lugar, o auditório pode se diferenciar em virtude de seu tamanho, haja vista auditórios constituídos por um único sujeito como em uma carta ou uma nação inteira por meio de um pronunciamento de um presidente. A extensão do auditório influencia diretamente o modo como o orador deve agir retoricamente. Em segundo lugar, as características psicológicas decorrentes de idade, sexo, profissão, cultura, religião, tudo isso pode ser imprescindível durante a argumentação do orador. A par dessas informações, o orador poderá organizar seu ato retórico, visando a uma determinada comunidade de sujeitos para influenciar.

Em terceiro lugar, a competência é uma característica que precisa por demais ser considerada, uma vez que nenhum orador se dirige a um grupo de médicos como se fosse um grupo de doentes. A competência é responsável por distinguir não só os conhecimentos que são necessários ao orador, mas também aponta o tipo de vocabulário que deve ser utilizado. Em quarto lugar, pela ideologia, sendo esta religiosa, política, econômica, cultural ou de qualquer outro tipo. Não só o argumento muda por causa da ideologia, mas também o vocabulário. Não é plausível argumentar numa igreja do mesmo modo que se faz num palanque eleitoral.

Pontuadas essas questões sobre as perguntas que devem ser feitas ao orador e ao auditório durante a realização de uma leitura retórica, destacamos que esse itinerário aqui apresentado não é algo fechado, acabado e encerrado em si mesmo. Outros métodos de leitura retórica podem ser realizados, privilegiando apenas o ethos, o logos ou pathos. Muitos trabalhos separam a tríade e focam apenas uma ou outra categoria. De nossa parte, preferimos trabalhar essa trilogia retórica de maneira conjunta, imbricada, inter-relacionada e até mesmo indissociável aos moldes do que propõe o profícuo estudo realizado por Ferreira (2015).

A seguir, realizaremos a nossa leitura retórica em trechos extraídos de um sermão oral, gênero discursivo muito praticado na religiosidade cristã ocidental. Na verdade, o sermão oral se insere na “categoria das enunciações monológicas orais, apoiadas em geral em um texto prévia e cuidadosamente escrito. Seu objetivo é ao mesmo tempo melhorar a compreensão da doutrina e incitar os fiéis a levar uma vida mais em acordo com as exigências religiosas” (Maingueneau, 2010, p. 104-105). Nesse sentido, o sermão oral é o gênero discursivo mais importante de um culto evangélico. É por meio dele que o pregador transmite as mensagens mais necessárias da igreja. O auditório fica atento ao discurso do orador e não pode se manifestar sem ser convidado. É durante a pregação do sermão que as visadas persuasivas são afloradas e lançadas pelo orador, a fim de angariar a adesão do seu auditório idealizado.



## Pastor Marcelo Oliveira e o sermão oral

O sermão do pastor Marcelo Oliveira foi proferido no início de outubro de 2022 por meio do canal oficial da ISJC na plataforma virtual do YouTube. Na descrição do vídeo do referido religioso, afirma-se que se trata apenas do gênero oração, mas em nosso entendimento, estamos diante do gênero discursivo sermão oral. Afirmamos isso porque apenas ao fim de sua pregação é que encontramos, de fato, a oração da meia-noite. O orador passa a maior parte do tempo pregando um sermão textual, uma vez que escolhe uma perícopes curta, lê um texto e formula os ensinamentos que deseja transmitir. A seguir, apresentamos uma captura de tela referente ao nosso *corpus* e, após isso, as nossas análises de acordo com os critérios teorizados nesta investigação sobre leitura retórica. Devido às limitações de extensão deste artigo, analisamos apenas três atos retóricos que foram extraídos do sermão em tela.

Figura 1 – Captura da tela do sermão do pastor Marcelo Oliveira transmitido em 09/10/2022.



**Fonte:** Canal WEBTV ISJC no YouTube.

Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=oXZcQ5U1JKY&t=1s&ab\\_channel=WEBTVISJC](https://www.youtube.com/watch?v=oXZcQ5U1JKY&t=1s&ab_channel=WEBTVISJC)

Acesso em: 10 de jan. 2023.

### Leitura do ato retórico 1

Este primeiro ato retórico diz respeito ao exórdio da pregação do pastor Marcelo Oliveira. Nesse início do sermão oral transmitido via YouTube, esse líder religioso cristão inicia seu discurso

lendo uma perícopes do texto teológico encontrado no Evangelho segundo João 14: 13-14 e, em seguida, desenvolve a sua argumentação. Retoricamente, é possível reconhecer que o orador atua de modo a fazer com que o auditório acredite (fazer-creer) na Bíblia como sendo a Palavra de Deus e também no dom, no chamado divino do pastor Marcelo Oliveira.

Ao seguir os passos descritos na teorização deste trabalho acerca da leitura retórica, na primeira pergunta no que concerne ao orador, devemos compreender que o pregador é um pastor evangélico, fundador, líder e atual administrador de uma igreja evangélica de linha neopentecostal, com sede em Arapiraca, cidade do interior do estado de Alagoas. Além disso, esse mesmo pastor atuou de forma militante na campanha eleitoral do ex-presidente da República, Jair Messias Bolsonaro. Já em relação à segunda pergunta, temos que esse sermão foi publicizado em 09 de outubro de 2022, momento em que havia (e ainda há) uma polarização social por demais exacerbada em nosso país em virtude das eleições presidenciais.

No terceiro questionamento, compreendemos que esse orador religioso evangélico vocifera contra as forças do mal, representadas pelos demônios que, de forma sobrenatural, perturbam a vida das pessoas. Talvez aqui podemos pensar numa espécie de conflito cósmico, no qual de um lado se encontra o bem e, do outro, o mal, representados por Deus e Satanás, respectivamente. Desse modo, é preciso combater o mal, expelir os demônios, pois são eles que causam as doenças, as enfermidades e toda sorte de moléstias que acometem as pessoas, razão por que se justifica o quarto questionamento da leitura retórica voltada ao orador.

Na quinta pergunta, verificamos que o orador constrói diferentes estratégias argumentativas para interpelar o seu auditório. A trilogia retórica encenada pelo ethos, logos e pathos aparece solidamente construída no exórdio e serve de guarida para todo o projeto de influência perpetrado pelo sermão em tela. Diferentes imagens de si, uso variado de uma tipologia argumentativa específica, paixões ou emoções que tocam a alma, modalidades enunciativas que marcam o envolvimento do orador, do auditório e o apagamento de ambos são algumas das técnicas argumentativas engendradas pelo pastor Marcelo Oliveira.

Acerca do auditório propriamente dito, depreendemos que não é possível conjecturar elementos extremamente particulares, embora eles existam, uma vez que a transmissão digital do sermão tem um alcance que escapa do controle do orador. Certamente, o maior número de pessoas que assistiu o sermão do pastor Marcelo Oliveira faz parte da ISJC, mas outras tantas pessoas também puderam ter acesso ao mesmo conteúdo. Trata-se, dessa maneira, de um auditório híbrido ou, nos termos de Amossy (2020), compósito, mesclando elementos particulares e universais, neste, sem nenhum tipo de controle das variáveis (sexo, escolaridade, idade). Eis, a seguir, o momento retórico formulado pelo discurso do orador:

João catorze, treze, catorze. “E tudo quanto pedirdes em meu nome, eu farei, para que o Pai seja glorificado. Se pedirdes alguma coisa em meu nome, eu farei”. Uma promessa do Senhor Jesus. Vamos acreditar ou desacreditar? Eu acredito. Eu acredito porque, para mim, esse livro registra a vontade de Deus, a vontade de Seu Filho. E não tem como eu duvidar, pela experiência que tenho com as palavras

deste livro, pela intimidade, são quatro décadas pregando, ensinando, exortando e vendo muitas coisas extraordinárias, sobrenaturais, acontecerem. Portanto, não há quem me convença que eu não deva acreditar nessas palavras, que são palavras de verdade. Eu conheço essa palavra de perto. Eu vivencio fatos sobrenaturais pela fé nessa palavra. E nesta noite, eu vou fazer mais uma oração da meia-noite e vou pedir ao Senhor Jesus que abençoe sua vida, que expulse de sua vida, de sua casa, de seu universo, todo e qualquer espírito imundo, todo e qualquer mal desejo, toda e qualquer maldição, em forma de doença, de enfermidade, em forma de atraso, de azar, de perturbação, em forma de opressão, confundida sempre com depressão. Eu sempre trabalho com o termo opressão e tenho visto resultados extraordinários. Portanto, se você está oprimido ou se alguém disse que você está sofrendo depressão, síndrome do pânico, o que eu digo é que há algum espírito imundo, algum mal desejo perturbando sua paz, sua vida, seu psicológico. E eu tenho minha fé de que após a minha oração, em nome do Senhor Jesus Cristo, algo vai acontecer na sua vida. E é algo bom, é claro.

Inicialmente, o orador realiza a leitura de um texto bíblico que aborda o poder de Jesus acerca dos pedidos que são feitos pelos cristãos e, depois, argumenta: “Uma promessa do Senhor Jesus. Vamos acreditar ou desacreditar? Eu acredito. Eu acredito porque, para mim, esse livro registra a vontade de Deus, a vontade de Seu Filho. E não tem como eu duvidar, pela experiência que tenho com as palavras deste livro, pela intimidade, são quatro décadas pregando, ensinando, exortando e vendo muitas coisas extraordinárias, sobrenaturais, acontecerem”. Nesse ato retórico destacado, o pastor Marcelo lança uma pergunta retórica: “Vamos acreditar ou desacreditar?”, mas o faz sabendo que seu auditório está distante e não pode respondê-la. A pergunta serve de ancoragem para que o próprio pastor responda: “Eu acredito”. Por meio da modalidade elocutiva, engendrando sua subjetividade, o orador almeja fazer com que seu auditório se engaje e também possa, do mesmo modo como exemplo do pastor Marcelo, acreditar na “promessa do Senhor Jesus”, descrita no texto ora mencionado.

Como justificativa de sua crença nas palavras lidas no discurso citado, o orador preleciona: “Eu acredito porque, para mim, esse livro registra a vontade de Deus, a vontade de Seu Filho”. Nesta parte do discurso, podemos compreender que o orador, servindo-se da modalidade elocutiva, traz à baila os argumentos de autoridade: Deus e Seu Filho. Ora, no universo cristão, Pai, Filho e Espírito Santo são considerados um único Deus, dividido em três pessoas distintas, representando, dessa maneira, a maior autoridade para comprovar as afirmações da Bíblia. Segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014, p. 348), “o argumento de prestígio mais nitidamente caracterizado é o argumento de autoridade, o qual utiliza atos ou juízos de uma pessoa ou de um grupo de pessoas como meio de prova a favor de uma tese”. Para o pastor Marcelo Oliveira, as informações contidas na Bíblia são verdadeiras por causa de Deus e de Jesus, razão por que todos devem acreditar nas Sagradas Escrituras dos cristãos.

Com essas asserções, certamente o pastor busca comover o auditório para que este possa aderir ao discurso que está sendo construído. Em seguida, o orador argumenta que é impossível ele

mesmo duvidar das palavras que são ditas na Bíblia, uma vez que durante seu ministério já vivenciou muitas coisas que testificam o poder da Escrituras. Ele revela: “E não tem como eu duvidar, pela experiência que tenho com as palavras deste livro, pela intimidade, são quatro décadas pregando, ensinando, exortando e vendo muitas coisas extraordinárias, sobrenaturais, acontecerem”. Neste trecho do ato retórico, o orador constrói um ethos de profeta, ou seja, de alguém que conhece e tem intimidade com as questões sobrenaturais que tratam da fé. Também reconhecemos o uso do argumento de quantidade, haja vista que são “quatro décadas” na trajetória de homem religioso. Conforme Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014, p. 97), “entendemos por lugares da quantidade os lugares-comuns que afirmam que uma coisa é melhor do que outra por razões quantitativas”. Os números mostram a dimensão de um acontecimento e, neste caso, temos um pastor experiente, com muitos anos no ofício sacerdotal.

Mais adiante, o pastor Marcelo endossa ainda mais a sua fé nas palavras da Bíblia, sobretudo, na promessa que Jesus faz na perícopa lida inicialmente. O chefe religioso salienta: “Portanto, não há quem me convença que eu não deva acreditar nessas palavras, que são palavras de verdade. Eu conheço essa palavra de perto. Eu vivencio fatos sobrenaturais pela fé nessa palavra”. Nesta enunciação, além da ratificação de um ethos de profeta, de homem escolhido pela Divindade cristã, podemos identificar o uso de pelo menos dois argumentos.

O primeiro deles é o da definição descritiva, uma vez que o orador define as palavras da Bíblia como palavras de verdade. Para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014, p. 239), “as definições descritivas indicam qual o sentido conferido a uma palavra em certo meio, num certo momento”. Aqui, por exemplo, o texto bíblico foi deslocado e passou a ocupar uma conceituação de verdade e não de uma narrativa histórica e polêmica escrita há pelo menos dois mil anos e que, também, é alvo de muitas críticas. O segundo argumento utilizado nesse momento retórico é o pragmático, já que a fé nas palavras da Bíblia faz com que efeitos sejam despertados, ou seja, o pastor Marcelo afirma vivenciar fatos sobrenaturais. Consoante Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014, p. 303), “denominamos argumento pragmático aquele que permite um ato ou um acontecimento consoante suas consequências favoráveis ou desfavoráveis”. Para o orador, os acontecimentos foram favoráveis, pois a fé nas palavras bíblicas tem trazido experiências místicas, vividas sobrenaturalmente por esse religioso.

Em seguida, o fundador e líder da ISJC destaca que fará a oração da meia-noite a fim de que as pessoas que acreditarem no poder da oração possam ser curadas. O orador profere: “E nesta noite, eu vou fazer mais uma oração da meia-noite e vou pedir ao Senhor Jesus que abençoe sua vida, que expulse de sua vida, de sua casa, de seu universo, todo e qualquer espírito imundo, todo e qualquer mal desejo, toda e qualquer maldição, em forma de doença, de enfermidade, em forma de atraso, de azar, de perturbação, em forma de opressão, confundida sempre com depressão. Eu sempre trabalho com o termo opressão e tenho visto resultados extraordinários”. Nesse excerto retórico, o pastor, por meio das modalidades elocutiva e alocutiva, desperta um ethos de profeta, de alguém que tem contato direto com Deus, que tem proximidade com Jesus, a ponto de interceder pelo auditório a fim de que Deus atenda a oração e cure as enfermidades das pessoas. O ethos de solidário também pode ser pensado nesse momento, uma vez que o orador demonstra preocupação, cuidado e zelo

pelas pessoas que são vítimas de infortúnios diversos, neste caso, gerados por espíritos imundos ou demoníacos.

Em termos mais estritamente linguísticos, verificamos que o orador se utiliza de muitas repetições (eu vou, e vou, sua vida, sua casa, seu universo) sintáticas e semânticas que contribuem com o modo de verbalização do próprio discurso. Certamente, o pastor deseja que o auditório assimile da melhor forma possível quais serão as bênçãos recebidas a partir da oração que o chefe religioso fará no horário da meia-noite. No rol das possíveis enfermidades que serão curadas está a depressão. Para o pastor, “em forma de opressão, confundida sempre com depressão. Eu sempre trabalho com o termo opressão e tenho visto resultados extraordinários”, a depressão não passa de uma opressão provocada por espíritos imundos. Assim, para que determinado sujeito fique curado da depressão, basta passar por uma sessão de exorcismo. Após a expulsão do demônio, a pessoa ficará curada e se libertará do jugo diabólico. Podemos reconhecer o efeito possível da paixão da esperança, uma vez que muitas pessoas que sofrem de depressão podem acreditar nas palavras do pastor com a expectativa de serem curadas. A paixão da confiança também é outra possibilidade, uma vez que o discurso do orador almeja fazer com que o auditório considere verídica essa argumentação que é formulada.

Uma afirmativa como esta é muito comum em igrejas neopentecostais embora possa ser considerada uma manipulação da verdade. As práticas de cura, de exorcismo e de prosperidade são os pilares do movimento neopentecostal. Segundo Mendonça (2008, p. 139), “os atos de exorcismo entram como instrumental de reorganização do universo dos clientes, separando o bem do mal”. Endossando mais ainda essa questão, Dreher (2013, p. 511) postula que os cultos neopentecostais conseguem “transmitir uma experiência de dignidade e de respeito a pessoas que normalmente são maltratadas por uma vida dura. Muitas vezes, são ajudadas por curas divinas ou por exorcismos, outras recebem motivação suficiente para romper com drogas e outros vícios”. Trata-se, portanto, de um ambiente complexo, mas que reverbera diferentes manifestações de sentidos que ora libertam, ora oprimem e manipulam as pessoas. A história sobre os caracteres do neopentecostalismo é grande e não caberia apresentá-la exaustivamente mesmo nesses pontos que são imprescindíveis à interpretação e à compreensão dos fatos.

Finalmente, no último momento desse ato retórico, observamos que o orador almeja desacreditar a ideia de que doenças podem estar assolando a vida das pessoas que lhe assistem. O pastor Marcelo Oliveira culpabiliza os demônios por todos os problemas e os infortúnios que afetam o auditório. Ele assevera: “Portanto, se você está oprimido ou se alguém disse que você está sofrendo depressão, síndrome do pânico, o que eu digo é que há algum espírito imundo, algum mal desejo perturbando sua paz, sua vida, seu psicológico. E eu tenho minha fé de que após a minha oração, em nome do Senhor Jesus Cristo, algo vai acontecer na sua vida. E é algo bom, é claro”. O ato retórico em tela mostra que o orador, alternando as modalidades enunciativas alocutiva e elocutiva, busca formular, mais uma vez, um ethos de profeta, aquele que conhece as coisas futuras por meio das revelações divinas. Desse modo, se alguém, a exemplo de um médico, diagnosticar uma depressão ou qualquer doença psicológica, não é para ninguém acreditar ou seguir as prescrições médicas. Na verdade, segundo o orador, o que existe é o trabalho de um espírito imundo, um demônio que

está provocando essas doenças.

Assim sendo, com base nesse discurso do orador, qual o poder da medicina contra um demônio? A resposta é nenhum. Por isso, urge a necessidade de anunciar a oração da meia-noite, pois, nas palavras do pastor Marcelo, ela e somente ela poderá libertar e curar a vida das pessoas que acreditarem no poder divino da oração. Em um sermão de natureza neopentecostal, conforme advogam Mendonça e Velasques Filho (1990, p. 158), a ênfase doutrinária que é realizada como referência do culto “reside na cura como dom divino e como forma de combate a espíritos e demônios. A convicção subjacente a tudo isso é a de que todos os males físicos e psíquicos resultam da atuação de forças sobrenaturais, sejam espíritos ou demônios”. Após a expulsão dos demônios, a vítima fica sã e consegue, caso obedeça às doutrinas impostas, ter uma vida de alegria, paz e prosperidade, longe das amarras diabólicas que lhe aprisionavam.

Por fim, o orador revela que será por meio da oração, da palavra enunciada em nome de Jesus que conseguirá entregar coisas boas às pessoas que lhe assistem. Novamente, vislumbramos o argumento de autoridade embasado no nome de Jesus que, mais uma vez, é evocado como forma de asseverar que o discurso em tela tem o crivo jesuânico. Neste primeiro ato retórico, compreendemos que o orador trilha, com mais recorrência, pelos caminhos da construção de imagens de si (ethos) e pela racionalização dos argumentos (logos), embora podemos identificar que as paixões retóricas (pathos) estão, de algum modo, engatilhando o despertar de sentimentalismos. A trilogia que concerne ao ethos, logos e pathos serve como a principal estratégia argumentativa do projeto de influência realizado pelo pastor Marcelo.

## **Leitura do ato retórico 2**

Este segundo ato retórico diz respeito à narração/confirmação da pregação do pastor Marcelo Oliveira. Após o orador mostrar as possíveis contribuições que a crença nas promessas de Jesus pode trazer ao auditório que acredita na Palavra de Deus, o líder da ISJC se apresenta como alguém que é capaz de combater toda sorte de demônios, inclusive, o próprio Satanás, considerado, na religião cristã, como um anjo rebelde, adversário de Deus, transgressor e chefe de todos os demônios. A seguir, temos a argumentação do referido pastor evangélico:

Ninguém coloca dúvida em meu coração de que sou um ministro do Altíssimo, de que sou um despenseiro, de que sou um despenseiro das bênçãos e dos mistérios de Deus. Sim, eu sei quem sou. Por isso que na fé eu desafio o inferno. Eu desafio Satanás e seus demônios. Eu desafio os espíritos de feitiçaria. A mim vocês não assustam. Não assustam em nada, absolutamente. Eu posso bater de frente com vocês. Eu posso bater de frente com o inferno. Eu posso bater de frente com a bruxaria, a feitiçaria, a macumbaria. Eu posso. Porque eu sou de Deus. Eu sou vocacionado. Eu tenho a unção do Espírito de Deus. Eu fui chamado para isso. Não estou aqui sendo arrogante, pedante. Eu estou aqui sendo real, sendo sincero e honesto. Eu estou aqui falando de uma experiência de quatro décadas. Nunca vi um demônio, um espírito imundo me resistir, porque eu não aceito. Mas de



modo algum, já enfrentei situações que poucos enfrentariam. Nunca conheci um demônio, nunca conheci um espírito imundo que me fizesse recuar. Eu sou de Deus.

O pastor Marcelo Oliveira segue formulando diferentes imagens de si (ethos), por meio da construção argumentativa de sua pregação. Ao enunciar que: “Ninguém coloca dúvida em meu coração de que sou um ministro do Altíssimo, de que sou um despenseiro, de que sou um despenseiro das bênçãos e dos mistérios de Deus. Sim, eu sei quem sou”, podemos observar que, por meio de uma acentuada repetição textual (sou um ministro, sou um despenseiro, quem sou) o orador se autoproclama um despenseiro, ou seja, um ministro, um encarregado de realizar a obra de Deus. Ele faz uso do argumento da definição descritiva, uma vez que se define como despenseiro e um ministro de Deus. Essa definição poderá despertar no auditório a paixão da confiança, ou seja, que realmente esse pastor é um enviado de Deus e tudo o que ele afirma deve ser seguido, pois foi o Senhor Deus quem transmitiu a mensagem ao seu despenseiro.

Novamente, o ethos de profeta é suscitado nesse ato retórico, uma vez que apenas pessoas separadas, escolhidas a dedo podem adentrar e conhecer os mistérios de Deus. Foi assim que, conforme as narrativas históricas bíblicas, aconteceu com Moisés, Elias, Eliseu, Daniel, entre outros grandes profetas do Deus Javé. Por meio da modalidade enunciativa elocutiva, o orador formula um ethos que engendra força sobrenatural, messiânica. Como revela Barthes (2001, p. 78, grifos do autor), “o *ethos* é, no sentido próprio, uma conotação: o orador enuncia uma informação e, *ao mesmo tempo*, diz: eu sou isto, não sou aquilo”. O pregador diz que é um ministro, um despenseiro de Deus e, implicitamente, refuta a tese ao contrário.

O auditório carece enxergar no orador alguém crível, legítimo, que seja capaz de realmente cumprir tudo aquilo que professa. Marcelo Oliveira é um homem de grande estatura física, de postura séria e o aspecto físico de seu corpo, seu modo de falar, tudo isso contribui com o seu projeto de persuasão. Servindo-se desses aspectos, o orador constrói um ethos de chefe quando enfatiza: “Por isso que na fé eu desafio o inferno. Eu desafio Satanás e seus demônios. Eu desafio os espíritos de feitiçaria. A mim vocês não assustam. Não assustam em nada, absolutamente. Eu posso bater de frente com vocês. Eu posso bater de frente com o inferno. Eu posso bater de frente com a bruxaria, a feitiçaria, a macumbaria. Eu posso”. Fazendo um uso bem enfático da modalidade enunciativa elocutiva, repetindo fartamente algumas expressões (eu desafio, não assustam, eu posso bater de frente), o orador engatilha um ethos de um senhor da guerra espiritual que aborda o grande conflito cósmico entre o bem e o mal<sup>1</sup>.

---

1. Em se tratando de entendimento especificamente teológico, temos um erro nessa ideia de que o pastor pode vencer os espíritos malignos. É impossível, teologicamente, que algum ser humano possa, de fato, vencer os demônios ou o próprio Satanás. Isso porque estes são seres sobrenaturais com força potencialmente superior aos meros mortais. Diante disso, na teologia, “apesar de todo o seu poder, **Satanás está limitado**, como é indicado no caso de Jó. A ele se pode resistir com êxito, e ele fugirá (Tg 4.7; ver tb. Ef 4.27). No entanto, **ele não pode ser afugentado pelas nossas forças, somente pelo poder do Espírito Santo** (Rm 8.26; IC o 3.16)” (Erickson, 2015, p. 443, grifos nossos). Portanto, na esteira teológica proposta pelo mencionado autor, apenas Deus, por meio do Espírito Santo, é quem pode vencer o Diabo e os demônios que perturbam a vida das pessoas, razão por que o pastor Marcelo Oliveira não tem esse poder que anuncia ao seu auditório.

Dessa vez, identificamos que o ethos de profeta dá lugar a um ethos de chefe, corporificado na figura de um comandante, capaz de lutar e vencer o mal que é chefiado por Satanás e as hostes demoníacas. Como enfatiza Charaudeau (2018, p. 159), a “figura do comandante participa das precedentes, mas de maneira mais autoritária, na verdade, agressiva. Trata-se aqui da imagem do senhor da guerra [...]”. Embora esse autor e linguista francês aborde essa assertiva no discurso político, entendemos que é possível mobilizar essa mesma categoria no discurso em tela, pois se encaixa plausivelmente no discurso enunciado pelo pastor.

Adiante, o orador tenta comprovar sua argumentação. Mais uma vez, a construção da imagem de si se sobressai no discurso do líder religioso. Ele assevera: “Porque eu sou de Deus. Eu sou vocacionado. Eu tenho a unção do Espírito de Deus. Eu fui chamado para isso. Não estou aqui sendo arrogante, pedante. Eu estou aqui sendo real, sendo sincero e honesto. Eu estou aqui falando de uma experiência de quatro décadas”. De forma constante, as repetições textuais surgem nesse ato retórico (eu sou, eu tenho, eu fui, estou aqui), a partir da modalidade enunciativa elocutiva. O orador permanece argumentando que ele pertence a Deus, que foi chamado pela Divindade cristã, ou seja, o ethos de profeta retorna mais uma vez, sugerindo os traços de caráter e personalidade do orador: é um homem separado por Deus para uma missão específica e as pessoas precisam confiar que realmente Marcelo Oliveira é um ungido.

As imagens que são ditas textualmente (homem de Deus, vocacionado, ungido pelo Espírito Santo, sincero, honesto) objetivam endossar mais ainda as imagens de si positivas que o orador engendra nesse ato retórico. Para se caracterizar o ethos não basta dizer que é sincero ou honesto, é necessário demonstrar discursivamente. É por meio do discurso que depreendemos os efeitos possíveis que o ethos pode suscitar no auditório. O ethos de experiente surge quando o orador ressalta: “Eu estou aqui falando de uma experiência de quatro décadas”. Nesse sentido, identificamos o sentido de que o citado pastor já está calejado, tem experiência de sobra com exorcismos, curas, libertações e enfrentamento do mal. Implicitamente, o orador revela que venceu todas as lutas, uma vez que até os dias de hoje continua sua empreitada espiritual em favor de Deus e em desfavor de Satanás e seus demônios que atacam as pessoas. Novamente, o argumento de quantidade (quatro décadas) serve para atestar a longa caminhada do pastor, incluindo, nesse período, seu percurso na Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), fundada e liderada pelo Bispo Edir Macedo. A IURD é considerada por Campos (1997) como a maior igreja neopentecostal do Brasil, fazendo de seus fiéis clientes e da igreja um mercado da fé.

No último momento desse segundo ato retórico, o orador retoma o ethos de chefe, manifestado na figura do comandante. É o que se pode verificar no trecho: “Nunca vi um demônio, um espírito imundo me resistir, porque eu não aceito. Mas de modo algum, já enfrentei situações que poucos enfrentariam. Nunca conheci um demônio, nunca conheci um espírito imundo que me fizesse recuar. Eu sou de Deus”. A modalidade enunciativa elocutiva permanece sendo utilizada para enaltecer o pastor. As repetições (nunca vi, nunca conheci) também continuam recorrendo na argumentação em tela. Por meio da negação, o orador afirma que um demônio nunca conseguiu resistir ao seu poder sobrenatural. Isso só aconteceu porque, conforme o próprio pastor, ele é de

Deus. O vínculo com Deus é o fio condutor que caracteriza e outorga ao orador os poderes miraculosos, razão por que podemos identificar o uso do argumento pragmático. Assim, estar conectado com Deus é uma causa positiva que gera um efeito favorável: será possível vencer as batalhas contra Satanás e os espíritos imundos.

A paixão da confiança poderá ser sentida pelo auditório, já que se está diante de um pastor que atesta, em seu discurso, não ter medo de espíritos imundos. Ao contrário, o pastor enfrenta duramente esses demônios, pois afirma que eles são os responsáveis diretos pelas doenças e mazelas que afetam a vida das pessoas. Como advoga Aristóteles (2011, p. 141), “sentimo-nos confiantes se aquilo que é capaz de nos prejudicar está distante e o que pode nos manter seguros, próximo”. É isso, o pastor está semanalmente na igreja, pregando, exorcizando, curando, libertando e basta se dirigir até a denominação religiosa para que o mal seja expulso. Comover o auditório por meio de suas paixões é uma das principais armas da argumentação retórica. Certamente, o orador da ISJC sabe disso e utiliza a patemização de maneira habilidosa em seu discurso. Portanto, neste segundo ato retórico, o orador se utiliza, com maior recorrência, do ethos como prova argumentativa. As paixões e os argumentos racionais estão presentes como forma de substanciar ainda mais as construções das imagens de si formuladas nesse sermão, as quais enaltecem o pastor Marcelo Oliveira como ministro de Deus.

### **Leitura do ato retórico 3**

Este terceiro ato retórico diz respeito à peroração da pregação do pastor Marcelo Oliveira. É neste momento que o chefe religioso, de fato, realiza a oração da meia-noite, clamando a Deus. Em virtude de a oração ser longa, extraímos apenas os momentos retóricos que mais aparecerem a trilogia que vimos analisando. Eis o momento retórico a seguir:

Oremos então. Senhor Jesus, Tu me chamaste. Eu quis resistir, mas o Senhor falou forte e me convenceu. E eu estou aqui [...]. Dá uma grande amostra a ela agora, Senhor, para que ela saiba que é verdade. Faz esse tumor, faz essa doença, essa enfermidade sumir deste corpo. Faz este desânimo, Senhor, essa angústia, esse desejo suicida desaparecer agora. O que chamam de depressão, eu digo que é opressão, opressão maligna. Faz agora, Senhor, esse espírito imundo, esse espírito maligno sair de cada corpo, de cada vida que sofre agora esse mal. Estende agora a Tua mão, Senhor Jesus, e faz o milagre acontecer [...]. Que o Senhor Jesus te abençoe e te guarde. Faça Ele resplandecer o Seu rosto sobre ti. Sobre ti levante o Seu rosto e te dê paz. E te abençoe com bênçãos dos céus e bênçãos da terra. E faça tua vida começar a mudar a partir deste momento. Eu peço isso ao Senhor Jesus. Eu peço isso aos céus em nome do Senhor Jesus. Para a glória do Pai. Amém. Abraço de fé e amizade a todos. Você participou da oração da meia-noite.

No início desse ato retórico, o pastor Marcelo Oliveira utiliza a modalidade enunciativa alocutiva, convocando o auditório para que também participe do momento de oração. Notamos

que o uso do verbo “oremos”, mostra o sentido inclusivo (nós) que o chefe religioso deseja suscitar. Entretanto, a oração religiosa cristã, assim como o sermão oral, apresenta um aspecto importante: é um texto assimétrico e, por isso, o orador é quem controla toda a enunciação. Por isso mesmo, o auditório pode até orar junto com o pastor, mas a voz da cristandade não pode ser ouvida em hipótese alguma. É preciso seguir uma oração silenciosa quando os fiéis estão presentes face a face e, sendo virtual como é o caso em tela, o silenciamento acontece naturalmente em virtude da distância. Nesse sentido, depreendemos que apenas o porta-voz de Deus é o responsável por representar toda a cristandade através da oração realizada.

Após isso, o líder religioso se dirige a Jesus, afirmando que o mestre nazareno foi o responsável por sua escolha como ministro da obra de Deus. É enunciado o seguinte: “Senhor Jesus, Tu me chamaste. Eu quis resistir, mas o Senhor falou forte e me convenceu. E eu estou aqui [...]. Dá uma grande amostra a ela agora, Senhor, para que ela saiba que é verdade”. Observamos, neste excerto, que o orador recorre ao argumento de autoridade, pois foi Jesus quem escolheu o referido pastor para ser um grande líder religioso, um ungido por Deus. Quem questionará uma escolha de Jesus? Mesmo tentando a fuga dos serviços sacros, o pastor foi perseguido e convencido pelo Filho de Deus. Isso pode engendrar um ethos de santidade, ou seja, de alguém que é separado, escolhido por Deus para ser um grande homem com poderes sobrenaturais, capaz de realizar muitos prodígios que favorecem à cristandade.

O pastor Marcelo Oliveira também almeja refutar as opiniões de pessoas que não acreditam no poder de sua oração, bem como em seu ethos de profeta, ao suplicar: “Dá uma grande amostra a ela agora, Senhor, para que ela saiba que é verdade”. Neste momento do discurso do orador sacro, compreendemos que, mais uma vez, o pastor ratifica o seu ethos de profeta, de alguém que tem muita intimidade com Deus a ponto de pedir alguma coisa e, imediatamente, receber uma resposta da Divindade. Com isso, o auditório poderá ser comovido e, por meio da paixão da confiança, acreditar mesmo na força divina desse líder religioso, haja vista que os pedidos realizados a Deus são, prioritariamente, em favor dos fiéis para curá-los.

É isso que vemos em: “Faz esse tumor, faz essa doença, essa enfermidade sumir deste corpo. Faz este desânimo, Senhor, essa angústia, esse desejo suicida desaparecer agora”. As repetições de expressões lexicais com funções sintáticas e semânticas são usadas em demasia (faz esse, faz essa) a fim de que o verbo no modo imperativo (faça) possa marcar a ideia de ordem. Outro ponto importante é o efeito possível que se pode desencadear por meio da patemização. Como o orador se mostra muito preocupado com o seu povo, talvez seja possível pensar aqui na paixão do amor e da benevolência, pois verificamos que o pastor deseja coisas boas para outrem e não pede nada para ele mesmo. Como diz Aristóteles (2011, p. 133) sobre a paixão do amor, “amar é querer para uma outra pessoa aquilo que temos de bens, e isso em vista de seu interesse e do nosso” e sobre a paixão da benevolência, “é o sentimento por força do qual alguém que dispõe de recursos presta ajuda àqueles que passam privações, não na expectativa de qualquer proveito para si em retribuição, ou alguma vantagem pessoal, mas exclusivamente no interesse do beneficiado por seu gosto” (Aristóteles, 2011, p. 147-8).

Também identificamos a formulação de um ethos de solidário, porque o orador demonstra se importar com as mazelas de suas ovelhas; um ethos de profeta é apreendido quando o líder religioso mostra ter uma intimidade com Deus. Como argumento retórico, destacamos o lugar argumentativo de pessoa. “O lugar de pessoa afirma a superioridade daquilo que está ligado às pessoas. Primeiro as pessoas, depois as coisas! é o slogan que materializa esse lugar” (Abreu, 2009, p. 94). Dessa maneira, percebemos que o pastor evangélico prioriza, em sua oração, a saúde, a vida das pessoas e não as coisas materiais. A argumentação apresentada dessa forma denota um cuidado com o bem-estar, com a vida da cristandade.

Ao continuar sua oração, o fundador da ISJC retoma um ponto que foi apresentado em nosso primeiro ato retórico. O problema da depressão é trazido à oração para ratificar que se trata de uma opressão maligna. Vejamos a argumentação do orador: “O que chamam de depressão, eu digo que é opressão, opressão maligna. Faz agora, Senhor, esse espírito imundo, esse espírito maligno sair de cada corpo, de cada vida que sofre agora esse mal. Estende agora a Tua mão, Senhor Jesus, e faz o milagre acontecer [...]”. Por meio do argumento da definição descritiva, o pastor atribui um novo significado à depressão: ela é, na verdade, uma possessão de algum espírito imundo. Novamente, as repetições surgem no discurso (opressão, esse espírito, de cada) a fim de inculcar no auditório as ideias apresentadas ao assentimento, sobretudo, que não existem doenças como a depressão, mas sim demônios atuando na vida das pessoas que precisam passar por sessões de libertação para que esse mal seja expulso.

O orador segue fazendo uso do verbo no modo imperativo (faça), ordenando a Deus que realize a cura na vida das pessoas que estão participando da oração da meia-noite; do ethos de profeta de Deus, que pode pedir e receber tudo o que solicita à Divindade cristã; valorizando a vida, a pessoa em si, em detrimento das coisas materiais, lançando mão do argumento de autoridade, baseado nos nomes de Deus e de Jesus como pode ser visto em: “Que o Senhor Jesus te abençoe e te guarde. Faça Ele resplandecer o Seu rosto sobre ti. Sobre ti levante o Seu rosto e te dê paz. E te abençoe com bênçãos dos céus e bênçãos da terra. E faça tua vida começar a mudar a partir deste momento”. Estrategicamente, o orador parece sair de cena e delega a Deus e a Jesus a função de abençoar, guardar, conceder paz e transformar a vida das pessoas, razão por que se reforça o argumento de autoridade e o ethos de um profeta ungido.

Como encerramento da oração, o pastor utiliza as modalidades enunciativas elocutiva e alocutiva para pedir as bênçãos de Jesus: “Eu peço isso ao Senhor Jesus. Eu peço isso aos céus em nome do Senhor Jesus. Para a glória do Pai. Amém. Abraço de fé e amizade a todos. Você participou da oração da meia-noite”. O pastor Marcelo Oliveira conclui a sua oração da meia-noite evocando o nome de Jesus como argumento de autoridade e postulando um ethos de amigo, que se importa com outro. A paixão da benevolência também poderá ser sentida pelo auditório, uma vez que o pastor, desde o início até o fim de seu sermão, disponibiliza o maior tempo de sua argumentação para pedir a Deus bênção sobre os seus seguidores. As estratégias argumentativas empregadas nesse terceiro ato retórico são afloradas em razão do profícuo uso das provas retóricas que foram utilizadas habilmente por esse chefe religioso.

## Considerações finais

Após esse percurso realizado com base nos estudos retóricos e discursivos da linguagem, percebemos que a leitura retórica pode funcionar como instrumento de compreensão e interpretação de procedimentos persuasivos presentes em diferentes textos e discursos que apresentam visadas argumentativas. Analisamos três atos retóricos do pastor Marcelo Oliveira e identificamos que esse chefe religioso constrói sua argumentação por meio de diferentes imagens de si, mas a principal delas é o ethos de profeta, de um homem escolhido por Deus para transmitir as mensagens do Absoluto. Por meio do logos, vimos que, dentre outros, o argumento de autoridade foi o mais recorrente, haja vista a necessidade de o pastor comprovar que realmente a Divindade cristã lhe escolheu como ministro. No tocante ao pathos, a confiança foi a paixão que o orador mais buscou despertar. Essa paixão é mais importante de todas, pois sem ela todo o empreendimento retórico do orador pode desmoronar.

Ao proceder à leitura retórica do discurso em tela, além de identificar e interpretar a utilização de procedimentos argumentativos utilizados pelo orador, verificamos que o discurso que é apresentado ao auditório traz uma representatividade de manipulação da verdade. O pastor sabe, por exemplo, que a depressão é uma doença, mas procura esconder essa informação, a fim de que as pessoas possam acreditar que se trata de um mal provocado por demônios e, em seguida, procurem a ISJC para a libertação espiritual. Assumimos que se trata de um discurso que tem uma força acentuada entre os evangélicos menos escolarizados e desfavorecidos socialmente, ou seja, pessoas que vivem sofrendo de diferentes maneiras.

Vimos que o orador é apresentado como alguém que possui uma vocação divina, um homem que possui um chamado pastoral de Deus. Tudo isso faz com que as pessoas adiram ao discurso, mesmo que este não seja tão verossímil. Entendemos que o discurso religioso cristão exerce muita influência na sociedade, por isso, urge a necessidade de pesquisas que investiguem, à luz dos estudos retórico-discursivos, as querelas desse tipo de discurso, seus efeitos e, sobretudo, suas possíveis influências nas ações das pessoas. De nossa parte, seguiremos trilhando essa seara que cada vez mais tem muito a nos dizer.

## Referências

ABREU, Antônio Suárez. *A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção*. São Paulo: Ateliê, 2009.

ARISTÓTELES. *Retórica*. Trad. Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2011.

BARTHES, Roland. *A aventura semiológica*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CAMPOS, Leonildo Silveira. *Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendi-*



mento neopentecostal. Petrópolis/RJ: Vozes; São Paulo: Simpósio Editora e Universidade Metodista de São Paulo, 1997.

CÍCERO. Do orador. Tradução de Adriano Scatolin. In: SCATOLIN, Adriano. *A invenção no Do orador de Cícero: um estudo à luz de Ad Familiares I, 9, 23*. Tese de Doutorado – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso político*. Tradução Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2018.

CHARAUDEAU, Patrick. *A manipulação da verdade: do triunfo da negação às sobras da pós-verdade*. Tradução de Dóris de Arruda C. da Cunha; André Luís de Araújo. São Paulo: Contexto, 2022.

DREHER, Martin N. *História do povo de Jesus: uma leitura latino-americana*. São Leopoldo: Sino-dal, 2013.

ERICKSON, Millard J. *Teologia sistemática*. Tradução de Robinson Malkomes, Valdemar Kroker, Tiago Abdalia Teixeira Neto. São Paulo: Vida Nova, 2015.

FERREIRA, Luiz Antonio. *Leitura e persuasão: princípios de análise retórica*. São Paulo: Contexto, 2015.

MAINGUENEAU, Dominique. *Doze conceitos em análise de discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1990.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *Protestantes, pentecostais e ecumênicos: o campo religioso e seus personagens*. São Bernardo do Campo/SP: Universidade Metodista de São Paulo, 2008.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

PLANTIN, Cristian. *A argumentação: história, teorias, perspectivas*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

QUINTILIANO, Marcos Fábio. *Instituição Oratória*. Tomo I. Tradução e notas de Bruno Fregni Bassetto. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2015.

REBOUL, Olivier. *Introdução à retórica*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

**Max Silva da Rocha**

---

Doutorando Linguística (PPGEL/UFPI), Mestre em Linguística (PPGLL/UFAL), Especialista em Linguística Aplicada na Educação (UCAM) e Licenciado em Letras/Português (UNEAL). Membro do Núcleo de Pesquisas e Estudos em Análise do Discurso (NEPAD – UFPI).

**Patrícia Rodrigues Tomaz**

---

Doutoranda e Mestra em Letras-Linguística (UFPI), Graduada em Letras/Português (Centro Universitário Estácio de Ribeirão Preto) e em Direito (CEUT). Membro do Núcleo de Pesquisas e Estudos em Análise do Discurso (NEPAD – UFPI).

**José Maria de Melo Sousa**

---

Doutorando em Linguística, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

**João Benvindo de Moura**

---

Doutor em Estudos Linguísticos (UFMG), Mestre em Letras (UFPI). Possui estágio de Pós-Doutorado também em Linguística (UFMG). Atualmente, é professor da Graduação e da Pós-Graduação em Letras (PPGEL) da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Coordenador do Núcleo de Pesquisas e Estudos em Análise do Discurso (NEPAD – UFPI).

*Recebido em 01/06/2023.*

*Aceito em 12/08 /2023.*